

## NOTA DE ABERTURA

Num dos textos do diário a que chamou *Conta-corrente*, Vergílio Ferreira notou: “A nossa literatura é feita largamente aos pares”. E dava exemplos, começando em Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara (o par mais antigo), até chegar a uma dupla do seu tempo: “Ao que já ouvi a Agustina e eu”<sup>1</sup>.

As considerações de Vergílio Ferreira situavam-se na primeira metade dos anos 90 do século passado, valendo, naquele seu tempo, a apreciação que o grande romancista fazia dos seus méritos e o emparelhamento com Agustina Bessa-Luís. Não havia lugar, entretanto, para um outro par que, já então, se ia constituindo, com vários episódios de azedume pelo meio: o par José Saramago-António Lobo Antunes, ainda hoje, diga-se de passagem, bem presente na nossa memória literária mais recente.

Posto isto, cabe perguntar: onde entra José Cardoso Pires, naquele muito discutível arranjo do campo literário português? Aparentemente, sendo embora, à época, uma figura destacada da nossa cena literária, o autor d’*O Delfim* ficava sem par e abandonado à sua sorte, que bem poderia ser a do esquecimento póstumo. Esse mesmo esquecimento, acrescente-se, a que o próprio Vergílio Ferreira se arrisca agora.

Servem estas considerações para tornar evidente não só o absurdo daqueles arranjos *aos pares* (descontando-se, é claro, a irrisão que comportam), mas também outra coisa: as contingências que condicionam, com abundantes doses de aleatória frivolidade, a construção da memória literária. De José Cardoso Pires não se dirá que é hoje

<sup>1</sup> *Conta-corrente*, nova série, III. Lisboa: Bertrand, 1994, p. 90.

um nome esquecido; seria, contudo, imprudente ignorar que, desde o seu desaparecimento, em 1998, ele tem perdido a atenção devida a quem protagonizou um inquestionável e muito significativo impulso de renovação, na nossa ficção narrativa contemporânea, com destaque para o romance que acima mencionei. Digo isto sem pôr em causa, evidentemente, a qualidade de vários trabalhos académicos que têm surgido entre nós e também a de outras abordagens de natureza diferente, com destaque para a exemplar biografia consagrada ao escritor por Bruno Vieira Amaral (*Integrado Marginal. Biografia de José Cardoso Pires*, 2021).

Assinala-se este ano o centenário de José Cardoso Pires. As efemérides, até mesmo as forçadas, valem o que valem e às vezes servem sobretudo as conveniências de quem as promove. Não assim com a conta “redonda” de um centenário. Para mais, ele permite lembrar, de modo consequente, o legado de um romancista (e contista; e dramaturgo; e cronista; e ensaísta) da dimensão de José Cardoso Pires. O dossiê temático deste número da *Revista de Estudos Literários* tem a justificação advinda disso mesmo e ainda da qualidade dos textos que o compõem e do currículo cardoseano de vários dos nomes que o integram. No mesmo sentido apontam os contributos que lemos na secção de arquivo.

Além das secções não-temática e de resenhas, este número da *Revista de Estudos Literários* inclui outra evocação: a de alguém que, no campo do ensino universitário, longa e frutuosa e trabalhosa como académico. Refiro-me a Alexandre Pinheiro Torres e à fecunda conjugação da atividade de professor com as de ensaísta, de polemista e de marcante crítico literário.

No próximo número da *Revista de Estudos Literários* dá-se lugar ao tema “Insularidades nas Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa”, com coordenação de Doris Wieser, Geni Mendes de Brito e Daniel Graziadei.

Uma nota final para dizer que este é o último número da *Revista de Estudos Literários* de que sou diretor. Durante mais de 10 anos, tive o privilégio de trabalhar com colaboradores que decisivamente ajudaram a fazer desta publicação o testemunho que é (e continuará a ser) do labor de excelência do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra.

*Carlos Reis*

<https://orcid.org/0000-0001-6492-3486>